

ENTREVISTA COM ROSANA PAULINO¹

CPF: Em que momento de sua trajetória de vida você inicia o contato com o universo das artes? Você destaca algumas experiências que marcaram esse processo?

Rosana Paulino: Creio que desde criança estou envolvida com esse universo, pois sempre fui envolvida com criação. Penso a arte não somente dentro daquela realidade institucional, dos artefatos que estão nos museus e centros culturais, mas, sobretudo, do ponto de vista da criação. Neste sentido, fomos estimuladas, eu e minhas irmãs, a criar brinquedos, peças de barro, a fazer as roupas das bonecas. A criação sempre foi muito presente e, sem dúvida, me estimulou a produzir imagens e objetos. Do ponto de vista mais tradicional, que liga a arte a determinados espaços, na adolescência começo a frequentar, por iniciativa própria, museus como o MASP, a Pinacoteca do Estado e o Museu de Arte Sacra. Mas, sem dúvida, o ponto marcante foi em casa, com a família, fazendo pequenos objetos de barro, tartarugas, animaizinhos, pondo no sol para secar e depois colorindo. Além disso, frequentei um espaço chamado *Tijolinho*, um projeto social onde tínhamos reforço escolar, educação física e artesanato. O artesanato ajudou um pouco a suprir a necessidade de arte quando era criança.

CPF: Quais são os espaços, de estudo e/ou sociabilidade, que contribuíram diretamente para a sua formação enquanto artista?

RP: Sem dúvida o principal espaço foi o da universidade. Fiz ECA/USP e tive a sorte de estudar em um momento muito especial da faculdade, onde tínhamos vários artistas/professores. Em relação a outros espaços, não tive muitas oportunidades, pois, como nasci e fui criada na periferia, não tínhamos tantos movimentos culturais, coletivos, saraus etc. como temos hoje.

CPF: Você se apropria de diferentes objetos familiares e cotidianos para a construção de suas obras, quais intencionalidades e significados estão contidos nessas escolhas?

RP: Acredito que a produção de arte está diretamente ligada a quem

¹ Artista visual, pesquisadora e educadora. Doutora em Artes Visuais pela ECA/USP e especialista em gravura pelo London Print Studio, de Londres. Como artista vem se destacando por sua produção ligada a questões sociais, étnicas e de gênero.

you é, ao local que ocupa no mundo. Neste sentido, os objetos que me rodeiam e que, muitas vezes, estiveram presentes durante minha formação – e estão, ainda hoje, em minha vida – são importantes para pensar quem eu sou, qual minha relao com a sociedade na qual eu vivo. Sendo assim, objetos como pequenas garrafas, tecidos, linhas, agulhas e atos como costurar me ajudam a construir uma narrativa. E posso ampliar essa narrativa se penso que os objetos, simbolicamente falando, têm histórias próprias. Um exemplo: minha mãe foi bordadeira quando eu era criança. Isso ajudava a pagar nossos estudos. Além disso, ela fazia nossos vestidos, nossas roupas, para economizar. O bordado ou a costura, como trabalho, nunca foram profissões valorizadas e estão historicamente ligados às mulheres e a determinadas camadas sociais, geralmente as mais baixas. Eleger a costura como um dos elementos da minha poética fala muito sobre quem eu sou e de onde eu vim.

CPF: De que forma os diferentes problemas sociais que marcam a história do país afetam o seu modo de pensar e conceber as suas obras?

RP: Os problemas sociais estão diretamente ligados  minha produo. Investigar quem eu sou  também investigar a sociedade na qual eu vivo, isto  indissociável. Neste sentido, saber o que levou o Brasil a se tornar uma das sociedades mais desiguais do mundo  fundamental. Para isso tenho que estudar a história do país. Venho de um dos grupos mais marcados pela tragédia da colonizao e da escravidão. Eu me questiono cotidianamente se a história deste país poderia ser diferente. Como elegi as artes visuais como meio de reflexão, isto obviamente estará presente em minha produo e, como nas artes visuais conceito e realizao têm que conversar intimamente para que a obra se realize de modo satisfatório, a concepo de um trabalho está totalmente envolvida dentro dos aspectos citados anteriormente.

CPF: Quais aspectos e critérios você utiliza para analisar e definir os espaços nos quais serão expostas as suas obras?

RP: Isto varia muito porque o circuito de artes visuais oferece diferentes possibilidades de se mostrar um trabalho hoje em dia. Posso ser convidada para uma exposio e, se for uma individual, por exemplo, gosto de visitar o local, saber sobre seu histórico e pensar que tipo de obra se encaixaria melhor naquele espaço. Outras vezes, principalmente quando são exposies coletivas, você entra num acordo com o curador sobre qual obra vai ser exposta. s vezes ela, ou ele, já tem uma obra que gostaria de ver dentro do desenho da exposio. Cabe a mim decidir se quero ou

não tomar parte do evento dentro do conceito que está sendo colocado. E, em ocasiões especiais, posso conseguir uma verba via lei de incentivo, por exemplo, e fazer um trabalho para um determinado local que apresenta um sentido histórico e/ou simbólico e que dialogue com alguma questão que eu queira discutir. Foi assim com a obra AS AMAS, por exemplo, mostrada na Fazenda Mato Dentro, em Campinas, um local que possivelmente foi utilizado pelas escravizadas domésticas como local para dormir, uma pequena senzala dentro da casa grande.

CPF: Você considera que seu trabalho sofreu transformações significativas, seja no sentido estético ou ideológico, ao longo de sua trajetória como artista?

RP: Sem dúvida. A gente amadurece, muda, e o trabalho muda junto. Nada é estático. Embora a pesquisa tenha os mesmos motivos que me levaram inicialmente a querer ser artista, hoje tenho mais informação, mais maturidade e, obviamente, isto vai aparecer no trabalho. Quando o trabalho muda, a gente tem que pensar em estratégias diferentes de apresentação. Uma ideia que funcionou muito bem de determinado modo pode não funcionar bem de outro e isto tem que ser considerado.

CPF: A experiência de viver fora do país mudou de alguma forma a percepção sobre o seu trabalho ou a sua visão enquanto artista?

RP: Mudou minha visão de cidadã, de como posso colaborar com meus conhecimentos. E mostrou também que histórias do tipo “somos um país novo, daí tantos problemas...” ou outras do tipo, não correspondem à realidade, que costuma ser muito mais complexa e que pode, sim, ser mudada. Estudar ou viver fora é sempre uma grande experiência. Em relação ao meu trabalho de arte, foi importante porque tive contato com pessoas, movimentos e ideias que dificilmente chegam ao Brasil, tais como artes das minorias e uma relação mais estreita entre arte e política, arte e ativismo social. Isso sem dúvida ajudou a moldar minha visão de artista.

CPF: Como você analisa a participação das mulheres ao longo da história da arte brasileira?

RP: A participação feminina tem sido uma constante, embora tenha sido diminuta em alguns momentos. É só lembrarmos de Georgina de Albuquerque, no período acadêmico, por exemplo. O problema é pensar se os temas que interessam as mulheres estão representados nestas produções. Muitas vezes existiu uma adaptação a modelos já vigentes. E outra

questão é, quando a arte traz essas questões, se elas são aceitas, mostradas, discutidas....

CPF: Você identifica transformações no que se refere à presença e visibilidade feminina no campo da arte contemporânea?

RP: Sim, sem dúvida. Acho que a pergunta anterior complementa esta. A produção feminina aumentou e algumas demandas específicas das mulheres estão aparecendo neste cenário. Ainda é pouco, o Brasil está extremamente atrasado em relação a esta discussão, mas começamos a caminhar de forma mais sistemática.

CPF: Para você a obra de arte deve necessariamente ter uma função social e política perante a realidade?

RP: Não, cada uma/um tem direito de seguir o caminho que melhor se adapta, que mais lhe interessa, senão vira uma camisa de força, um gueto. Não posso impor a outras/outros minhas opções mesmo porque não tomar uma atitude política já é uma atitude política e isso tem que ser respeitado.

CPF: Como a questão de gênero e origem étnica molda a concepção, escolha de materiais e a definição dos temas que são abordados em suas obras?

RP: Creio que o trabalho, para ser efetivo, passar a mensagem ou discussão que quer suscitar, deve seguir a gramática das Artes Visuais, já que foi esse o campo que eu escolhi. Neste sentido, se utilizar materiais que também estejam conectados com a questão de gênero ou etnia posso tornar esses trabalhos mais potentes, aumentando assim as possibilidades de discussão. Forma e conteúdo, dentro da linguagem que eu escolhi, têm que dialogar bem para que o trabalho realmente aconteça do modo planejado.

CPF: De que forma a violência simbólica, contida no interior da proposta de uma obra de arte, pode ser criticamente trabalhada e analisada?

RP: Ela pode ser trabalhada de diferentes maneiras. Por exemplo, do ponto de vista da crítica, pode-se perguntar de onde vem essa violência, quando ela acontece. No que ela pode me ajudar em relação ao entendimento do mundo e da sociedade a qual pertenço? Eu participo desta violência, como perpetrador ou vítima e outras questões que possam surgir?

Agora, acho necessário que se pense que em uma obra de arte, conceito e fatura devam estar bem relacionados e resolvidos. Portanto, uma obra de arte que trate de política ou de questões como violência tem que fazer isto dentro da linguagem da arte. Não basta se ancorar no tema como desculpa para fazer uma obra ruim, mal pensada e/ou mal executada.

CPF: Comente quais são as principais aspirações e preocupações que, do ponto de vista afetivo, estético e político, traduzem o seu trabalho como artista?

RP: Penso que, diante do caminho que escolhi percorrer, meu trabalho procura traduzir a aspiração de uma sociedade mais justa, mais igualitária. Neste sentido, utilizo a estética e a afetividade para pensar trabalhos que levantem questões sobre determinada parcela da população brasileira. É uma atuação política, mas sem esquecer a linguagem da qual proveinho, que elegi para tratar destas questões.